

## LINGUÍSTICA COGNITIVA, ENSINO E JORNALISMO: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA DISTINGUIR FATO E OPINIÃO

Débora Sartori <sup>1</sup>  
Letícia da Costa Chaplin <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a importância da adoção de estratégias pedagógicas que auxiliem estudantes do ensino básico a distinguir entre fato e opinião, especialmente na compreensão e interpretação de textos do gênero jornalístico. Sabendo-se que essa diferenciação é uma dificuldade para muitos jovens brasileiros, conforme relatório divulgado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), em 2021, acredita-se que um passo importante na mitigação do problema é a educação midiática. As atividades foram desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), com alunos do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola pública do município de São Lourenço do Sul. Foram propostas análises de trechos de notícias veiculadas em sites de meios de comunicação, cujos dados deveriam ser cruzados e, posteriormente, catalogados como fato ou opinião. Neste trabalho, a discussão teve como base a epistemologia da Linguística Cognitiva, especialmente no que tange aos conceitos de *frames* semânticos (Fillmore 1982; 1985) e categorização (Ferrari, 2011). Assim, a notícia é pensada através da noção de *frame*, assumindo o pressuposto de que o sentido se forma a partir do uso e dos contextos a ele interligados. A hipótese é de que o conhecimento partilhado de que notícia é sinônimo de fato possa explicar, em partes, a dificuldade na identificação de opiniões dentro de um texto noticioso. Problematisa-se, ainda, o mito da objetividade jornalística (Tuchman 1999a, 1999b, 2002; Vizeu, 2005; Alsina, 2009) e considera-se que o jornalismo, sendo o campo da credibilidade (Berger, 1998), utiliza-se de estratégias, como entrevistas, ou seja, a opinião de determinadas fontes para fazer valer os efeitos de verdade.

**Palavras-chave:** Fato, Opinião, Linguística Cognitiva, Jornalismo.

### INTRODUÇÃO

<sup>1</sup> Mestra em Comunicação e Informação, Graduanda em Letras/Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade do Rio Grande, campus São Lourenço do Sul, [sartoridebora4@gmail.com](mailto:sartoridebora4@gmail.com);

<sup>2</sup> Professora orientadora, Doutora em Letras, na Área de Concentração em Literaturas Brasileira, Portuguesa e Luso-Africanas, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); professora assistente no Curso de Letras, do Instituto de Letras e Artes, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), no Campus São Lourenço do Sul; coordenadora de área do PIBID, no Subprojeto Interdisciplinar Letras e Educação do Campo, [leticiachaplin@furg.br](mailto:leticiachaplin@furg.br)



Quase sete em cada dez jovens estudantes brasileiros de 15 anos não conseguem distinguir entre fato e opinião ao ler um texto. Os dados fazem parte de um documento divulgado em maio de 2021 pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). O relatório aponta, ainda, que o índice brasileiro, de 67%, está muito acima da média registrada nos outros 79 países analisados, que foi de 53%. Apesar dessa dificuldade apontada pelas estatísticas, que pode ser facilmente comprovada em práticas de sala de aula, trata-se de uma habilidade essencial, especialmente se considerarmos a sociedade informacional em que vivemos (CASTELLS, 2000), disruptiva a ponto de definir um novo paradigma: “o da tecnologia da informação, que expressa a essência da presente transformação tecnológica em suas relações com a economia e a sociedade” (WERTHEIN, 2000, p. 72).

A diferenciação entre fato e opinião é fundamental quando se acredita em uma educação crítica e civilizatória, uma vez que se trata de uma prática social primordial. Além disso, é uma habilidade prevista na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), especificamente na habilidade EF67LP04, que consiste em “distinguir, em segmentos descontínuos de textos, fato da opinião enunciada em relação a esse mesmo fato”. Isso significa que, ao pensarmos uma escola que prepare para o mundo e contribua para sua construção, é necessário desenvolver estratégias que promovam os letramentos, os quais “[...] implicam também o entendimento de como funciona um texto para que se possa participar de seus significados (engajar-se em suas ‘regras’ particulares) [...]” (Kalantzis e Cope, 2020, p. 23).

Refletir sobre quais práticas pedagógicas podem auxiliar nesse processo constitui o objetivo geral deste trabalho. Parte-se da hipótese de que a educação midiática representa um caminho relevante para a mitigação do problema. Com o intuito de verificá-la, são discutidos os resultados de atividades realizadas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), junto a estudantes do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola pública localizada no município de São Lourenço do Sul (RS). Nessas atividades, propôs-se a análise de trechos de notícias publicadas em sites de veículos de comunicação, cujas informações deveriam ser confrontadas e, posteriormente, classificadas como fato ou opinião.

No presente trabalho, adota-se como base epistemológica a Linguística Cognitiva, com ênfase nos conceitos de *frames* semânticos (FILLMORE, 1982; 1985) e de categorização

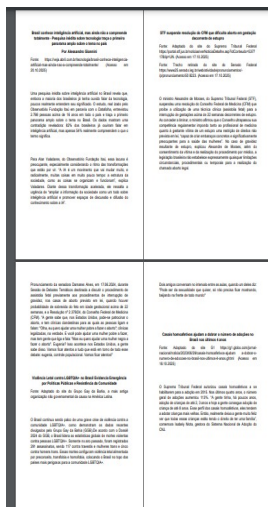


(FERRARI, 2011). Nessa perspectiva, a notícia é compreendida a partir da noção de *frame*, partindo do pressuposto de que o sentido se constrói no uso e nos contextos a ele associados. Sustenta-se a hipótese de que o conhecimento compartilhado que associa notícia a fato pode, em certa medida, explicar a dificuldade de identificação de opiniões em textos noticiosos. Além disso, problematiza-se o mito da objetividade jornalística (TUCHMAN, 1999a, 1999b, 2002; VIZEU, 2005; ALSINA, 2009) e considera-se que o jornalismo, entendido como campo da credibilidade (BERGER, 1998), recorre a estratégias — como a inclusão de entrevistas, isto é, a mobilização de opiniões de determinadas fontes — para produzir efeitos de verdade.

## METODOLOGIA

Como identificar elementos linguísticos que permitem aos estudantes classificarem excertos de notícias e reportagens como fato ou como opinião? Esse foi o problema que permeou toda a prática desenvolvida em sala de aula. Para isso, foram selecionados trechos de cinco notícias veiculadas em meios de comunicação em 2025. Os textos foram divididos em três partes: a primeira continha o título; a segunda, um fato e a terceira, uma opinião. A turma foi, então, dividida em cinco pequenos grupos e os materiais foram entregues aleatoriamente, de modo que cada grupo recebeu três partes distintas de textos igualmente distintos, conforme prints abaixo:

Imagem 1: Print de notícias selecionadas pelas autoras



Fonte: Elaborado pela autora

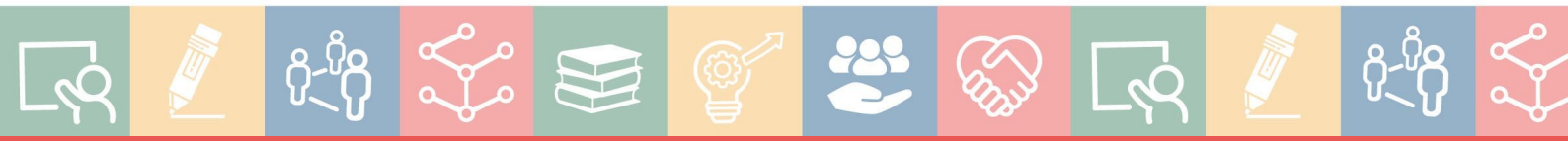
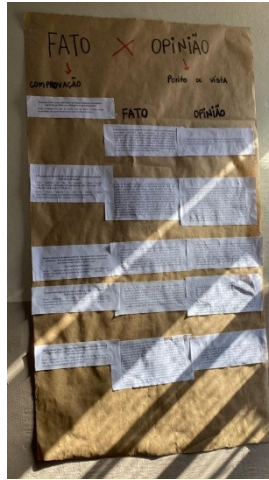




Imagem 3: Foto de cartaz produzido pelos alunos



Fonte: foto tirada pela autora

Ao final da atividade, foram retomados os conceitos de fato e opinião.

## REFERENCIAL TEÓRICO

É comum encontrar em livros didáticos definições que dão conta de que o fato está relacionado a situações verificáveis e que não podem ser modificadas. Fato é, portanto, algo objetivo. Já a opinião é um exercício posterior ao fato, produzido graças à nossa subjetividade. No que tange à atividade jornalística, as noções de objetividade e subjetividade são, portanto, muito frequentemente colocadas em oposição. Enquanto esta é vista cada vez mais como um caminho, o “jornalismo de subjetividade” (Moraes, Silva, 2021), aquela, apesar de ainda constituir crença importante na prática profissional, já configura um conceito superado, pelo menos nas pesquisas acadêmicas. Trata-se, portanto, de um campo cujas aproximações com o modelo de conhecimento associado ao cientificismo (Silva, 2015) o tornam, também, compreendido socialmente a partir do seu compromisso com a verdade.

Pensar a dimensão subjetiva do jornalismo não significa, entretanto, romper o pacto de referencialidade com o real.

Negar, ou até mesmo reduzir, a importância da subjetividade na produção jornalística não ajuda na defesa da dimensão material dos fenômenos, nem reforça a tentativa de se diferenciar o produto informativo, que deve ter compromisso com a realidade factual, do desinformativo, que procura confundir, ao invés de apresentar e esclarecer as ocorrências de interesse público (Henriques, 2023, p. 131).



Assim, muito longe de uma possibilidade, a objetividade joanística nada mais é do que um mito, que atua como um ritual que protege os jornalistas dos riscos da profissão (Tuchman 1999a, 1999b, 2002; Vizeu, 2005; Alsina, 2009). Nesse sentido, considera-se o jornalismo como o campo da credibilidade, em que valem os efeitos de verdade, “cuidadosamente construídos para servirem de comprovação, através de argumentos de autoridade, testemunhas e provas” (Berger, 1998, p. 21-22). Esses argumentos aos quais a autora se refere podem ser múltiplos, mas passam, muitas vezes, por entrevistas testemunhais, de especialistas, dados, documentos, etc. São estratégias que endossam o argumento de credibilidade ao mesmo tempo em que podem ocultar a importâncias de escolhas que fazem parte de todo o processo jornalístico. Isso significa que a leitura social de uma notícia jornalística aproxima-se muito da ideia de fato, embora ela possa conter opiniões do início do fim.

Além de levar em consideração as especificidades do campo jornalístico propomos, também, uma intersecção com o escopo teórico da Linguística Cognitiva (LC), que, a respeito do conteúdo semântico, afirma que as expressões linguísticas são instruções parciais para a construção de domínios interligados que estão em um só nível cognitivo. Não possuem significado isoladamente, mas orientam a construção de sentido. “A LC concebe o significado como construção mental, em um movimento contínuo de categorização e recategorização do mundo, a partir da interação de estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças socioculturais” (Ferrari, 2022).

O conceito de *frame*, central na teoria da Semântica de *Frames* formulada por Fillmore (1982; 1985), ajuda-nos a entender o processo de formação do significado na mente. *Frame* designa uma estrutura de conhecimento que é organizada a partir da esquematização da experiência e fica armazenada na memória de longo prazo (Ferrari, 2022). Dito de outro modo, é a organização mental que fazemos, a partir do nosso conhecimento de mundo, para compreender uma situação. As expressões linguísticas são, portanto, o ponto de acesso a essas estruturas esquemáticas. Para Fillmore, é impossível entender o significado de uma unidade lexical sem o *frame* que ela aciona. Logo, o *frame* estrutura o significado das palavras e essas evocam o *frame*.

Categorização e *frame* podem, portanto, nos ajudar a refletir sobre a dificuldade de diferenciação entre fato e opinião em notícias, uma vez que, ao acessar um conteúdo jornalístico, é possível que a noção de fato seja evocada em primeiro plano, já que se trata de uma característica prototípica do gênero textual em questão. Nesse sentido, a identificação de opiniões pode ficar prejudicada e percebida como se fato fosse. Assim, entende-se que a



compreensão de textos jornalísticos pode se beneficiar de uma perspectiva situada no imbricamento entre semântica de *frames* e educação midiática, esta só possível a partir do entendimento de normas e teorias que regem o campo jornalístico.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde a seleção dos textos até a aplicação da atividade em sala de aula, o que se observou foi a inexistência de consenso. Em todas as etapas do processo, foram identificadas dúvidas acerca da classificação dos excertos em fato e opinião. Os estudantes foram incentivados a selecionar, nos textos, palavras que pudessem auxiliar na identificação. Entre as expressões, foram apontadas pelos alunos as seguintes: “uma pesquisa revela”, “os dados mostram”, “é preocupante”, “o Ministro suspendeu”, “a gente sabe”, entre outras citações.

Essa atividade revelou-se desafiadora na medida em que a compreensão depende de diversos fatores, que vão desde a leitura social acerca da prática jornalística até a evocação de significados a partir da noção de categorização e frame semânticos, sem desconsiderar o fato de a construção de significados possui um caráter partilhado socialmente (Salomão, 1997; Miranda, 2001; 2006).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, os resultados da prática pedagógica e das reflexões teóricas apontam que a diferenciação entre fato e opinião em textos no geral e, mais especificamente no gênero notícia, é um desafio significativo para os estudantes, mesmo quando orientados por critérios linguísticos e que levam em consideração as práticas do campo jornalístico. A ausência de consenso nas classificações realizadas em sala de aula reforça a hipótese de que a compreensão desse fenômeno não se limita à identificação de marcas textuais isoladas, mas envolve processos cognitivos mais complexos, como a evocação de *frames* semânticos e a categorização, processos influenciados por conhecimentos socioculturais partilhados. Além disso, a leitura social de que a notícia está intrinsecamente associada a fatos contribui para ocultar a presença de opiniões, dificultando uma leitura mais crítica e reflexiva por parte dos alunos.

Nesse sentido, a experiência desenvolvida no âmbito do PIBID aponta para a educação midiática como estratégia fundamental na formação de leitores críticos, capazes de analisar



criticamente os efeitos de verdade produzidos pelo discurso jornalístico. Ao articular pressupostos da Linguística Cognitiva com práticas de análise textual em sala de aula, o trabalho evidencia a importância de promover atividades que estimulem não apenas a identificação, mas a reflexão sobre os mecanismos de construção de sentido. Assim, conclui-se que, para desenvolver a habilidade de distinguir fato de opinião, são necessárias abordagens pedagógicas que considerem tanto os aspectos linguísticos quanto os sócio-cognitivos da linguagem, contribuindo para uma educação que promova a autonomia, alinhada às demandas da sociedade da informação contemporânea.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 07.04.2026.

CASTELLS, Manuel. A era da informação: economia, sociedade e cultura. In: \_\_\_\_\_. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000. v. 1.

FERRARI, Lilian. **Introdução à linguística cognitiva**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

FILLMORE, Charles J. Frame semantics. In: **THE LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA** (ed.). *Linguistics in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin Publishing Co., 1982. p. 111–137.

FILLMORE, Charles J. Frames and the semantics of understanding. **Quaderni di Semantica**, Alessandria, v. 6, n. 2, p. 222–254, dez. 1985.

HENRIQUES, Rafael da Silva Paes. A natureza e o papel da subjetividade no jornalismo: estado da arte da discussão. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 2, 2023.

KALANTZIS, Mary; COPE, Bill. O trabalho de aprender e ensinar letramentos. In: \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Letramentos**. Tradução de Petrilson Pinheiro. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

MIRANDA, Neusa Salim. O caráter partilhado da construção do significado. In: **Veredas: Revista de Estudos Linguísticos**, v. 5, n. 1, 2001.

MIRANDA, Neusa Salim. **Reflexão metalinguística no ensino fundamental**: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2006.

MORAES, Fabiana; SILVA, Márcia Veiga da. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia. **Mídia e Zeitgeist**, p. 113, 2021.

PILATI, Eloisa. Sobre o uso de materiais manipuláveis nas aulas de gramática, aprendizagem ativa e metacognição. In: \_\_\_\_\_. **Gramática, aquisição e processamento linguístico: subsídios para o professor de língua portuguesa**. v. 1, p. 87–108, 2020.



SALOMÃO, Maria Margarida Martins. Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sócio-cognitiva sobre a linguagem. **Verebas**, Juiz de Fora: EDUFJF, v. 1, n. 1, p. jul./dez. 1997.

SILVA, Márcia Veiga da. **Saberes para a profissão, sujeitos possíveis**: um olhar sobre a formação universitária dos jornalistas e as implicações dos regimes de poder-saber nas possibilidades de encontro com a alteridade. 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/118550>. Acesso em 07.04.2026.

WERTHEIN, Jorge. A sociedade da informação e seus desafios. **Ciência da Informação**, v. 29, p. 71–77, 2000.

67% dos estudantes de 15 anos do Brasil não sabem diferenciar fatos de opiniões, afirma relatório da OCDE. *G1*, 6 maio 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/05/06/67percent-dos-estudantes-de-15-anos-do-brasil-nao-sabem-diferenciar-fatos-de-opinioes-afirma-relatorio-da-ocde.ghtml>. Acesso em: 7 abr. 2026.

